



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE GRAJAÚ
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS -
QUÍMICA

BRENDA DOS SANTOS SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE SOB A PERSPECTIVA DA IDENTIDADE
FEMININA EM *TUDO É RIO*, DE CARLA MADEIRA**

**GRAJAÚ-MA
2025**

BRENDA DOS SANTOS SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE SOB A PERSPECTIVA DA IDENTIDADE
FEMININA EM *TUDO É RIO*, DE CARLA MADEIRA**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Naturais - Química do Centro de Ciências de Grajaú da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Naturais com Habilitação em Química.

Orientadora: Prof^a. Me. Eveline Gonçalves Dias.

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Gestão de Atividades
Acadêmica - SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo autor

Silva, Brenda dos Santos.

A construção da maternidade sob a perspectiva da identidade feminina em Tudo é
Rio, de Carla Madeira / Brenda dos Santos Silva. - 2025.

19 f.

Orientador(a): Eveline Gonçalves Dias. Curso de Ciências Naturais - Química,
Universidade Federal do Maranhão, Grajaú, 2025.

1. Maternidade. 2. Identidade. 3. Feminina. I. Dias, Eveline Gonçalves. II. Título.

BRENDA DOS SANTOS SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE SOB A PERSPECTIVA DA IDENTIDADE
FEMININA EM *TUDO É RIO*, DE CARLA MADEIRA**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Naturais - Química do Centro de Ciências de Grajaú da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Naturais com Habilitação em Química.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Me. Eveline Gonçalves Dias
Universidade Federal do Maranhão (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Neusani Oliveira Ives Felix
Universidade Federal do Maranhão (Examinador 1)

Prof^a. Dr^a. Rubenil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Maranhão (Examinador 2)

Dedico a Deus, por me sustentar em cada passo, e à
minha família, por todo o amor e apoio.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pois foi Ele quem me permitiu ingressar nesta universidade e sempre me deu forças para não desistir e chegar até o final.

Quero agradecer, em especial, à minha filha, pois foi a partir da minha experiência como mãe solo que me inspirei na escrita deste trabalho, contribuindo para a discussão sobre a importância do apoio e reconhecimento dessas mulheres incríveis, além do autoconhecimento e da força que suscitei no meu íntimo para superar as imposições e estigmas com que a sociedade tenta nos aprisionar.

À minha mãe, que é minha fonte de inspiração como mãe, mulher e esposa. Te amo.

Aos meus irmãos Manassés dos Santos, Brendo dos Santos e Edmar Júnior, por sempre estarem ao meu lado.

Ao meu pai, Edmar Santana, que sempre me motivou a conquistar uma graduação.

À minha avó, que sempre me apoiou em sua casa para que eu pudesse estudar, trabalhar e residir em Grajaú-MA.

À minha orientadora, Profa. Mestre Eveline Gonçalves Dias, pelos ensinamentos e conselhos, que foram cruciais para a escrita deste trabalho.

À minha amiga Samair Silva, por sempre estar ao meu lado, me dando apoio e encorajamento para a finalização deste curso, pois sempre acreditou em mim.

À Universidade Federal do Maranhão, especialmente ao campus de Grajaú, pela oportunidade de ingressar e concluir minha primeira graduação, pela excelência do trabalho prestado e, a cada colaborador desta instituição, a minha sincera gratidão.

Aos programas da Univeridade como o PIBID e o PeT que foram essencias para a minha permanência no curso.

“Ser mãe solo é enfrentar a vida com a mesma força que o rio flui, carregando consigo a dor e a beleza de cada curva, cada desafio e cada conquista”.

(Carla Madeira)

A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE SOB A PRESPECTIVA DA IDENTIDADE FEMININA EM *TUDO É RIO*, DE CARLA MADEIRA

Brenda dos Santos Silva¹

Eveline Gonçalves Dias²

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a construção da maternidade na perspectiva da identidade feminina no romance *Tudo é rio* (2014), de Carla Madeira. A partir de uma leitura crítica e sensível do romance analisa-se como as personagens femininas Lucy, Dalva e Aurora, que vivenciam a maternidade em suas múltiplas dimensões – biológica, idealizada, negada e imposta – e de que modo essa experiência impacta na constituição de suas subjetividades. Metodologicamente, este trabalho baseia-se em uma revisão bibliográfica, apoiando-se em pesquisadoras e teóricas como Simone de Beauvoir (2009), Elisabeth Badinter (1985), Maria Rita Kehl (2010) e Julia Kristeva (2002), que discutem a maternidade como construção cultural, a relação entre linguagem e subjetividade e temáticas afins. Nesse sentido, a análise demonstrou que a maternidade, na narrativa, não se reduz a um instinto natural, mas configura-se como um elemento complexo na formação da identidade feminina, oscilando entre potência, sofrimento e culpa, contribuindo assim para o debate sobre as representações literárias da experiência feminina e suas tensões entre desejo e expectativas sociais.

Palavras-chave: maternidade; idealizada; construção; *Tudo é Rio*; Carla Madeira.

ABSTRACT

This article examines the construction of motherhood within the framework of female identity in Carla Madeira's novel *Tudo É Rio* (2014). Through a critical and sensitive reading of the work, the study analyzes how female characters experience motherhood in its various forms – biological, idealized, denied, and imposed – and how this experience shapes their subjectivities. Methodologically, the research is based on a literature review, engaging with theorists such as Simone de Beauvoir (2009), Elisabeth Badinter (1980), and Maria Rita Kehl (1996), who discuss motherhood as a cultural construct, as well as Julia Kristeva's (2002), reflections on language and subjectivity. The analysis reveals that motherhood in the narrative is not merely a naturalized instinct but a complex element in the formation of female identity, oscillating between empowerment, suffering, and guilt. This study contributes to broader discussions on literary representations of women's experiences and the tensions between maternal roles, identity, and desire.

Keywords: motherhood; Idealized; Construction; *Tudo é Rio*; Carla Madeira.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Naturais com Habilitação em Química - Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: bs245577@gmail.com

² Orientadora Doutoranda em Letras - área de concentração - Estudos literários (UFPA). Mestre do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Bacabal. Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior no Instituto de Ensino Superior Franciscano – IESF. Pós-Graduada em Atendimento Educacional Especializado (AEE) no Instituto de Ensino Superior Franciscano – IESF. Graduada em Letras pelo Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC), da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Professora substituta na Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Campus Grajaú. E-mail: evelinecx2019@gmail.com

1 Introdução

A maternidade é um tema que permeia diversas culturas e épocas, sendo frequentemente abordada sob diferentes perspectivas sociais, culturais e pessoais. No entanto, a construção da identidade feminina no contexto da maternidade ainda suscita debates e reflexões profundas, especialmente quando é considerada como um processo que envolve transformações internas, expectativas sociais e experiências individuais.

O romance *Tudo é rio* (2014), de Carla Madeira, oferece uma narrativa rica para explorar essa temática, ao retratar a jornada de suas personagens, Lucy, Dalva e Aurora, na relação com a maternidade e a busca por autoconhecimento. Este artigo investigou-se como a maternidade é representada no romance *Tudo é rio* (2014), considerando as experiências e perspectiva das personagens femininas, buscando compreender as nuances dessa experiência e os fatores que influenciam essa construção no universo da narrativa de Carla Madeira pelas diferentes personagens.

É sabido que muitas mulheres desistem de seus ideais pessoais e profissionais para dedicar-se exclusivamente ao seu papel de ser mãe, o que pode afetar a construção de sua identidade social. Em meio a uma devoção integral aos filhos e ao lar, muitas vezes a mulher-mãe pode vir a se desconhecer como sujeitos de sonhos e desejos. Conforme Machado (2020), o contexto da sociedade patriarcal sob o qual os efeitos afetam diretamente na sujeição do sujeito feminino, contribui para que a identidade social de mãe, reprima a identidade do “ser mulher”.

Nesse viés, a pesquisadora Farias (2024), em sua dissertação de Mestrado intitulada *MATERNIDADE NEGRA: um diálogo entre Carolina e Nnu Ego*, sob orientação do professor Doutor Rubenil da Silva Oliveira, amplia esse debate ao examinar como a literatura brasileira contemporânea – incluindo obras como *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) e *Tudo é Rio* (2014) – tensiona os modelos hegemônicos de maternidade. Em ambas as narrativas, a maternidade solo emerge como eixo de crítica social: enquanto Carolina Maria de Jesus (1960) retrata a luta diária por sobrevivência, Carla Madeira (2014) explora as fissuras do ideal materno em personagens cujas subjetividades são atravessadas por violências simbólicas e afetivas.

Desse modo, sabe-se que a maternidade é uma das mais sublimes experiências vivenciadas pelas mulheres. No entanto, pensar a maternidade é ao mesmo tempo trazer ao cerne desta pesquisa discussões ligadas as representações que as mulheres desempenham na sociedade e como sua identidade torna-se obliterada quando a maternidade lhe é imposta como aporte definidor dos aspectos identitários provocando uma imagem engessada pela visão da hipersexualidade, subalternizando assim a condição feminina que o sujeito representa.

Nessa perspectiva, buscamos compreender por meio da literatura por ser um canal autêntico de representações da realidade identificar com clareza elementos que justificassem as desigualdades existentes em torno do exercício da maternagem das mães. Ademais, esta pesquisa contribui com a reformulação de estereótipos que definem as mulheres como um sujeito subjugado destinado respectivamente ao papel da maternidade como uma condição aprisionante e comprometedora.

2 Metodologia

Este estudo adotou-se uma abordagem metodológica, composta por uma pesquisa bibliográfica, do tipo revisão de literatura. Através da revisão bibliográfica pode-se reunir, sintetizar e analisar teóricos sobre a maternidade e os desafios que a mulher sofre com os julgamentos e com sua identidade feminina, que por sua vez se torna irreconhecível por conta da sobrecarga posta a ela, que é a maternidade solo.

Foi-se realizado uma revisão bibliográfica aprofundada sobre os conceitos de maternidade e identidade feminina, apoiado em autores renomados como Simone de Beauvoir (2009), Elizabeth Badinter (1985), Maria Rita Kehl (2010), que aborda a linguagem e a subjetividade; e outros estudiosos que tratam das questões de gênero, maternidade e identidade na literatura. Essa fundamentação teórica permitiu embasar as análises do romance *Tudo é rio* (2014) de Carla Madeira, sob as perspectivas das personagens femininas da obra, pesquisa central das personagens Lucy, Dalva e Aurora.

3 Idealização e romantização da maternidade: uma experiência ambivalente

Para compreender a representação da maternidade em *Tudo é rio* (2014), é fundamental situá-la enquanto construção cultural e histórica, distanciando-se de noções essencialistas. Em *O Segundo Sexo* (2009), de Simone de Beauvoir é posto que "a mulher não nasce mãe, torna-se mãe", desnaturalizando a ideia de que a maternidade seria uma vocação inata. Teoricamente há uma inconsistência ao afirmar que a idealização da maternidade é um destino biológico e única via de realização feminina, destacando que a possibilidade de escolha – mediada por métodos contraceptivos ou interrupção da gravidez – é frequentemente cerceada por discursos religiosos e morais (Beauvoir, 2009, p. 645).

Para Beauvoir (2009), a maternidade só se configura como experiência autêntica quando livremente eleita, longe de determinações externas (Beauvoir, 2009, p. 656). No entanto, como a autora ressalta, mesmo processos que ocorrem no corpo da mulher, como a gravidez, nem sempre estão sob seu controle decisório, revelando como a autonomia feminina é usurpada por

estruturas sociais (Beauvoir, 2009, p. 668-671).

Além disso, Beauvoir (2009) desmistifica a noção de que a maternidade garantiria igualdade entre os sexos, pois sua valorização depende de contextos específicos: enquanto a mãe casada é socialmente legitimada, a mãe solo, como evidencia a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960); de Carolina Maria de Jesus, enfrenta marginalização, sobrecarga econômica e a constante luta por dignidade diante da ausência de apoio institucional e afetivo. Na obra, a maternidade aparece como um exercício de resistência, em que o amor pelos filhos se entrelaça com a fome, o medo e a exclusão social, reforçando a crítica de Beauvoir (2009) à idealização da função materna (Beauvoir, 2009, p. 697-698).

Em consonância com essa perspectiva, a autora Elisabeth Badinter (1985), em: *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*, demonstra a ideia do "instinto materno", evidenciando que o amor materno é uma construção histórica variável, moldada por interesses patriarcais. Nesse contexto, Badinter (1985) analisa como em diferentes períodos as mulheres delegavam os cuidados infantis a terceiros, desfazendo o mito da dedicação incondicional como imperativo biológico. Nessa configuração, a mesma autora salienta a ambivalência materna – misto de amor, cansaço e frustração – silenciada pelo ideal da mãe abnegada, que serve ao controle social do feminino. Sua crítica converge com as postulações de Beauvoir (2009), ao expor como a maternidade foi instrumentalizada para confinar as mulheres ao espaço doméstico.

Nessa esteira de reflexões, Maria Rita Kehl (2010), em *Deslocamentos do Feminino*, avança nessa discussão ao incorporar a psicanálise, analisando a maternidade como espaço de projeções inconscientes e conflitos subjetivos. Kehl (2010), destaca que no imaginário patriarcal a maternidade é erigida como pilar da identidade feminina, obscurecendo experiências de culpa, angústia e desejo de não-maternidade. Sua abordagem dialoga com os pressupostos de Badinter (1985), ao revelar como o ideal materno opera como dispositivo de regulação social, mas acrescenta uma camada psíquica: a relação mãe-filho é atravessada por fantasmas culturais e históricos pessoais, como ilustra a escritora Carolina Maria de Jesus (1960), cujo diário expõe a maternidade solo como experiência de resistência e exaustão na periferia.

Nesse viés, podemos observar uma consonância do romance em análise com os artigos de Cattoni de Oliveira e Marques Santos (2020) – *Contribuições para uma reconstrução crítica da gramática moderna da maternidade* e de Bernardes, Loures e Andrade (2020) – *A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher*, ambos subvertem a romantização da maternidade expondo-a como território de contradições.

4 A Maternidade na perspectiva feminista e psicanalítica

Sob a ótica feminista, Beauvoir (2009), denuncia a naturalização da maternidade como um destino obrigatório da mulher. Para a autora, a cultura patriarcal construiu a ideia de que a mulher só se realiza plenamente ao se tornar mãe, reduzindo sua identidade a essa função

biológica e social. Essa concepção foi amplamente difundida pela moral tradicional, pelas instituições religiosas e pelas ciências médicas, contribuindo para o silenciamento das mulheres e a limitação de suas possibilidades existenciais.

Conforme Beauvoir (2009), depreende-se que a experiência da maternidade, ao ser imposta como norma, torna-se um fator de alienação feminina. A mulher, nesse contexto, deixa de ser sujeito de sua própria existência para se tornar objeto a serviço da espécie e das convenções sociais. A autora considera que, embora a maternidade possa ser uma escolha legítima, ela deve ser exercida a partir da liberdade, e não como imposição cultural.

Beauvoir (2009), dialoga com a psicanálise freudiana, que associava a identidade feminina à maternidade e à função reprodutiva. Na leitura tradicional freudiana, a mulher é definida pela "falta do falo" e pelo papel materno, o que a coloca em posição de inferioridade em relação ao homem. Para ela, essa interpretação é limitadora e reforça os papéis socialmente atribuídos à mulher. Embora reconheça a importância da psicanálise para entender os processos inconscientes. Beauvoir (2009), defende uma releitura histórica e existencial, que considere as condições materiais e sociais que moldam as escolhas femininas.

Na perspectiva existencialista de Beauvoir (2009), a maternidade só se torna uma experiência legítima quando resulta de uma escolha livre e consciente. A autora reivindica o direito à autodeterminação, defendendo que a mulher deve decidir sobre seu corpo e seu projeto de vida sem coerções. Assim, a maternidade deixa de ser um destino obrigatório e passa a ser uma possibilidade existencial – mas apenas em uma sociedade que reconheça a mulher como sujeito pleno, com acesso a direitos, educação e igualdade de oportunidades.

Ao passo que, Badinter (1985), complementa essa crítica ao desconstruir a noção de um "amor materno instintivo", argumentando que se trata de um conceito historicamente variável, condicionado por uma construção social. Em sua análise, ela demonstra que em diferentes contextos – como na França do século XVIII –, mulheres das elites delegavam os cuidados dos filhos a amas-de-leite ou internatos, sem que isso fosse visto como transgressão. Essa flexibilidade histórica comprova que o vínculo materno não é uma determinação biológica, mas uma construção histórica.

Desse modo, para Badinter (1985), a sacralização da maternidade, sobretudo a partir do século XIX, serviu como mecanismo de controle, confinando as mulheres ao espaço doméstico e legitimando sua exclusão da vida pública. Assim, como Beauvoir (2009), ela identifica na maternidade compulsória um obstáculo à emancipação feminina. A idealização da mãe abnegada e incondicional, segundo a autora gera culpa e frustração, já que impõe um padrão inalcançável.

Embora critique a psicanálise tradicional por reforçar estereótipos, Badinter (1985), reconhece a complexidade do vínculo materno que envolve afetos ambivalentes – como amor, rejeição e desejo de autonomia –, frequentemente negados pela pressão social. Sua defesa é clara: a maternidade deve ser ressignificada como uma escolha autônoma, vivida sem a

imposição de modelos normativos, para que a mulher possa experienciá-la (ou não) em sua singularidade.

5 A construção da maternidade em *Tudo é rio*: uma perspectiva idealizada

É seguro afirmar que a maternidade está longe de ser uma experiência universal e atemporal, diante dos atravessamentos e contradições, expectativas sociais e violências simbólicas que giram em torno dessa categoria. Seja como destino imposto, como possibilidade de realização ou como fonte de dor, ela não se resume a um instinto biológico, mas se constitui a partir de normas culturais que definem o que é ser mulher.

Autoras como Simone de Beauvoir (2009), Elisabeth Badinter (1985) e Maria Rita Kehl (2010), demonstram como a idealização da mãe abnegada serve a um projeto patriarcal que reduz a existência feminina a uma única função. Na literatura, essa complexidade ganha corpo em personagens que desafiam estereótipos, revelando maternidades fraturadas, ambivalentes ou reinventadas – como as que surgem em *Tudo é rio* (2014), de Carla Madeira e na obra: *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei (2017), que conduz o leitor pela vida de uma mulher comum marcada por perdas, silêncios e amadurecimento precoce, expondo de forma lírica as fragilidades da existência feminina e diferentes experiências da maternidade.

No romance *Tudo é rio* (2014), de Carla Madeira, a personagem Dalva nos transmite, as dificuldades enfrentadas na sua maternidade, cuja experiência se torna dolorosa pela perda de seu filho amado e sonhado, fruto de um amor avassalador com seu marido Venâncio, onde se apaixonaram em sua juventude. Ao mesmo tempo que esse jovem casal se amam, se casam nasce o ciúme doentio de Venâncio após a chegada de seu filho. Quando Venâncio viu a cena de Dalva segurando o bebê amamentando a criança que acabou de nascer, despertou-se o sentimento de posse, ciúmes e o medo de perder sua esposa, em seu interior ela o pertencia: “*O momento dela e do filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ele arrancou o menino dos braços dela e jogou longe, bateu em Dalva, bateu, bateu. Espancou*” (Madeira, 2014. p 22). O ciúme doentio de Venâncio fez com ele perdesse o controle emocional e agredisse o filho, ocasionando um grande sofrimento para a mãe naquele momento tão impotente para ela.

No romance *Tudo é rio* (2014), mostra que “Dalva morreu junto com seu filho ao acreditar que ele havia falecido, sentindo uma ausência viva, uma dor em carne crua.” Dalva, após perder seu filho em um crime cometido pelo próprio marido, vive um luto que redefine sua identidade. Sua dor não é apenas pela criança tirada de seus braços de forma tão brutal, mas pelo apagamento violento de seu lugar social como mãe – um vínculo que, mesmo interrompido, continua a moldá-la. Essa maternidade fantasma, feita de ausência, ecoa a reflexão de Maria Rita Kehl (2010); sobre o luto materno como uma ferida que “não cicatriza, mas se transforma em linguagem” (Kehl, 2010). Dalva, ao preservar os objetos do filho e manter rituais de memória, demonstra que a maternidade persiste mesmo quando desvinculada dos aspectos biológicos –

uma ideia que Beauvoir (2009), antecipa ao defender que “ninguém é mãe por natureza, mas por escolha ou imposição”.

Em resumo, Dalva é uma das personagens em destaque, em *Tudo é Rio* (2014), representando a fragilidade humana diante da dor, a busca por perdão e a capacidade de superação em meio a circunstâncias trágicas.

No romance *Tudo é Rio* (2014); o desfecho aponta também para a protagonista central: Lucy, que perdeu seus pais ainda criança em um acidente de carro, Lucy então foi morar com sua tia, que por sua vez, representa uma figura fria e repressora, que falha em oferecer acolhimento ou afeto, reforçando em Lucy a sensação de abandono. Esse contexto contribui para que sua visão sobre a maternidade seja atravessada pela dor.

A tia de Lucy já tinha sua família construída, duas filhas com seu marido Brando, Lucy não tinha amor e nem carinho de sua tia, gerava revolta, para ela. Lucy era uma jovem encantadora, extremamente bonita e atraente, e usava de seus encantos para se tornar então, prostituta dona de si. Mas sua tia era muito rigorosa não dava liberdade nem pra ela e nem para suas filhas, frequentavam somente a igreja, ela era muito religiosa, Lucy então teria que criar oportunidades que a favoreciam em se prostituir.

Com o passar do tempo Lucy acaba engravidando de Venâncio, mas a maternidade para ela nunca foi um sonho, um desejo, na verdade isto tiraria toda a sua liberdade de ir vir sem preocupações, agora em um novo cenário surge, em sua vida as dificuldades enfrentadas pela maternidade em um prostíbulo já que ela não abriu mão de sua vida, como prostituta: “Nem por um momento pensava em ficar com ele. Mas por ele do que por ela” (Madeira, 2014, p. 164).

A postura de Lucy nos remete às considerações de Kehl (2010) acerca da ambivalência materna, evidenciando que sua maternidade não se apresenta como instintiva, mas é permeada por falhas, repetições e pela tentativa frustrada de preencher um vazio existencial. Tal ambivalência pode ser observada no relato de Madeira (2014, p. 164), ao descrever que “Lucy queria sua vida de volta, tinha seus egoísmos sem culpa. Seu corpo e seus orgasmos enfileirados faziam falta. Gostava de ser puta. De ver aqueles homens rastejando, se derramando sob o poder de sua batuta”.

O arquétipo da mãe idealizada, frequentemente encontrado na literatura, é aquele que personifica a pureza, o sacrifício e a dedicação incondicional aos filhos. A figura de Lucy, por exemplo, rompe com este padrão de mãe, tendo em vista a sua profissão como prostituta, não se encaixa neste conceito, apresentando uma sexualidade ativa e uma vida independente, o que a distancia da imagem tradicionalmente associada à maternidade.

Em *Tudo é rio* (2014), de Carla Madeira, à luz das perspectivas teóricas de Simone de Beauvoir (2009), Elisabeth Badinter (1985) e Maria Rita Kehl (2010), compreendemos que a maternidade, é uma experiência homogênea ou biologicamente determinada, é um território de complexidades, tensões e conflitos. Ao invés de reforçar o ideal romântico da mãe abnegada, o romance propõe uma visão multifacetada da experiência materna, revelando suas nuances e

contradições. Nesse sentido, o romance contribui de forma significativa para o debate feminista contemporâneo, ao expor a maternidade como uma construção social, histórica e subjetiva e não como um destino natural e inevitável para todas as mulheres.

Conforme o trecho da obra de Badinter (1985, p. 11), “o amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire”. Esse fragmento desafia a ideia de que o afeto materno seria uma predisposição natural, reafirmando-o como uma construção cultural e histórica. Lucy representa, então, um contraponto provocativo: ela reafirma a complexidade da condição feminina, afastando-se dos ideais moralizantes ou românticos. Seu comportamento provocativo, sexualmente confiante, quase subversiva – ilustra uma mulher que confronta papéis tradicionais de cuidado ou delicadeza.

Segundo Badinter (1985), ser mãe ou sentir afeto não é um imperativo natural. Lucy, nesse sentido, sinaliza que existem múltiplas formas de existir como mulher longe dos papéis idealizados de “boa mãe”, “doçura”, ou submissão. A personagem escancara o quanto os papéis atribuídos à mulher são construções, que podem ser subvertidas. Lucy emerge como uma figura que subverte o imaginário social sobre a moral feminina. Ela é, em vez do cuidado maternal idealizado, uma mulher com desejos, corpos e linguagens que escapam ao padrão o que ecoa teorias de Badinter (1985), ao mostrar que não há um único caminho legítimo para a feminilidade.

Diferente de Lucy, Aurora mãe de Dalva, é uma mãe acolhedora, carinhosa uma mulher extremamente devota a família, porém Aurora anula sua vida como mulher, como sujeito dona de si para estar em prol da família, materializando assim uma maternidade que configura ao modelo ideal de mãe que a sociedade espera, o que pode nos remeter o viés patriarcal. Um exemplo, é quando seu marido descobre o namoro de Dalva com Venâncio, e ele se altera:

Aurora achou um exagero, teve a bondade de apertar a mão da filha e a paciência de se calar. Aguenta firme, Dalva. Quando o marido passou do limite – tá achando que eu te criei pra ser vagabunda? Se perder por aí, na mão de qualquer um? Te mato antes de morrer –, Aurora interrompeu, disse para ser ouvida: Chega, Antônio, chega. Ele pensou em reagir, estava gostando do palanque, de se exaltar na frente da filharada. Mas conhecia a mulher, sabia que ela não desperdiçava intervenção. Saiu batendo a porta (Carla Madeira. 2014, p. 83).

Para Simone de Beauvoir (2009), a maternidade em sociedades patriarcais é uma função ela é imposta às mulheres, e não necessariamente uma escolha livre e consciente. Mesmo assim, algumas mulheres tentam ressignificar esse papel, atuando dentro dos limites impostos, mas buscando espaço para o afeto e a mediação. No trecho em destaque ver-se com clareza a maternidade de Aurora uma mãe por mais que seja obediente ao marido tem pulso firme para defender suas filhas, da arrogância de seu Antônio, e quando tudo finalmente acaba Aurora vai ate Dalva e diz:

“A mãe deu o colo que pôde, tentou diminuir a aflição da filha. Tenha calma, Dalva. Tudo tem jeito, deixe seu pai comigo, apenas tente ouvir o mais importante. Seu pai quer te proteger, cuidar de você. Não age assim pra te chatear. Não agarre na parte ruim” (Carla Madeira, 2014, p. 83).

Mais tarde vemos a mágoa que Dalva carrega de sua mãe a não comparecer no seu parto, Dalva acredita que se sua mãe estivesse com ela neste momento a violência que sofreu junto com seu filho não teria acontecido, mas Dalva não sabia o que tinha acontecido para sua mãe não está presente neste dia tão importante:

Na véspera do parto, Elis, a irmã mais nova, foi picada por um escorpião na fazenda. Correu risco de vida, desorientou toda a família no corre-corre de acudir. Com isso Aurora adiou sua vinda para a casa de Dalva. Sabia do apuro das duas filhas, mas não teve dúvidas do que devia fazer. Elis estava enfrentando a morte, Dalva, a vida. (Carla Madeira. 2014. p. 127).

Beauvoir (2009), afirma que a maternidade, em sociedades patriarcais, é simultaneamente exaltada e invisibilizada. A gestação e o parto, apesar de representarem a continuidade da espécie, são frequentemente tratados como um “destino natural” da mulher, não demandando mobilização social equivalente à preservação de uma vida ameaçada.

No trecho, essa lógica se confirma: Aurora percebe o parto como um evento previsível e seguro, enquanto o acidente de Elis é uma ruptura na ordem, exigindo sua presença imediata. Conforme Beauvoir (2009, p. 597), “a mulher grávida não é uma doente, mas tampouco é plenamente agente: ela é meio para que a vida se perpetue”. Assim, Dalva é colocada numa posição secundária, pois sua função reprodutiva é vista como algo que seguirá seu curso, mesmo sem apoio materno.

Badinter (1985), desconstrói o mito do amor materno incondicional, argumentando que o vínculo afetivo entre mãe e filho não é instintivo, mas construído a partir de escolhas, experiências e contextos. No episódio, Aurora faz uma escolha: prioriza a filha em perigo de morte.

Conforme a teoria de Badinter (1985), isso não significa falta de amor por Dalva, mas sim a demonstração de que o cuidado materno é seletivo e mediado pelas circunstâncias. O afeto não é uma força automática que se sobrepõe a todas as situações – ele é negociado conforme o cenário. Aurora age racionalmente, e não apenas por impulso emocional, o que confirma que a maternidade é atravessada por decisões práticas e não apenas por devoção instintiva.

Do ponto de vista de Kehl (2010), ela enfatiza a importância da escuta e do reconhecimento emocional na constituição psíquica do sujeito. Ao adiar sua presença no parto, Aurora corre o risco de gerar em Dalva uma sensação de abandono num momento simbólico fundamental: o nascimento do próprio filho.

Embora sua decisão seja compreensível diante da urgência, para Dalva, a ausência da

mãe nesse instante pode representar a falta de um “testemunho afetivo” da sua transição para a maternidade. Kehl (2010), aponta que a ausência de reconhecimento em momentos decisivos da vida pode deixar marcas emocionais duradouras, criando lacunas na experiência subjetiva.

O episódio revela a complexidade da figura de Aurora como mãe. Ela não é a imagem da maternidade idealizada, age com pragmatismo, priorizando a filha que enfrenta a morte em detrimento daquela que está prestes a dar à luz.

A partir de Beauvoir (2009), compreendemos que essa escolha reflete a desvalorização simbólica da gestação enquanto evento urgente. Com Badinter (1985), entendemos que a maternidade não é movida exclusivamente por um amor incondicional, mas por decisões situacionais. E com Kehl (2010), percebemos que a ausência materna em momentos simbólicos pode afetar o reconhecimento subjetivo e a constituição emocional da filha.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme aponta Kehl (2010), a experiência materna deixa marcas profundas na subjetividade da mulher, tornando-se uma dimensão identitária que persiste mesmo diante da ausência do filho.

A dor de Dalva, nesse sentido, não se resume ao sofrimento da perda, mas à vivência da maternidade como uma presença ausente, uma ferida que permanece aberta e que redefine sua existência. Dalva representa a maternidade idealizada e marcada pelo amor profundo ao filho. Após sua suposta morte, vive um luto que a desestrutura e redefine sua identidade. Sua dor revela como a maternidade continua a moldá-la, mesmo na ausência do filho.

Entretanto, o que Badinter (1985), discute ao afirmar que o amor materno não é instintivo ou inato, mas sim um vínculo construído, atravessado por escolhas, angústias, ambivalências e, muitas vezes, falhas. A maternidade de Dalva nos mostra que embora tenha perdido seu filho, o desejo de ser mãe de colo cheio não a impediu de amar João filho de Lucy com Venâncio, um amor construído e não sustentado somente pelo sangue, mas por uma tentativa de afirmação afetiva e simbólica que revela, simultaneamente, sua fragilidade e sua força.

Nesse sentido, a narrativa de Carla Madeira (2014), desconstrói o mito do amor materno incondicional, abordando a maternidade como um espaço de negociação entre desejo, dor, memória, culpa e possibilidade de redenção. O romance coloca em cena duas mulheres profundamente marcadas por suas histórias, que, embora situadas em polos distintos onde Dalva, presa à memória de uma perda irreparável; Lucy, aprisionada pela culpa de uma maternidade usurpada, revelam que a experiência de ser mãe não é uniforme nem essencialmente virtuosa. Ambas lutam para ressignificar sua condição, demonstrando que a maternidade é, antes de tudo, uma construção cultural, subjetiva e política, permeada por silêncios, imposições sociais e margens de resistência.

Sob esse prisma, o romance de Carla Madeira (2014), insere-se de forma contundente no campo das discussões feministas sobre o lugar da mulher e o papel da maternidade na sociedade contemporânea. Como destacou Simone de Beauvoir (2009), não se nasce mulher: torna-se. Da mesma forma, *Tudo é Rio* (2014), sugere que não se nasce mãe, a maternidade é uma experiência que se constitui e se transforma ao longo do tempo, moldada por afetos, perdas, violências e escolhas.

Ao narrar a trajetória de Dalva e Lucy, o romance desmonta os alicerces do ideal materno tradicional, dando voz às sombras, às dores e às contradições que habitam o silêncio imposto às mulheres. Trata-se, portanto, de um Romance que não apenas representa a maternidade, mas a problematiza, oferecendo ao leitor um retrato intenso e honesto das mulheres que a vivem ou sobrevivem a ela distantes das lentes da romantização.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. v. 1. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- FARIAS, Ednólia da Silva. MATERNIDADE NEGRA: Um diálogo entre Carolina e Nnu Ego. 2024. 197 f. **Dissertação** (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras. Centro de Ciências de Bacabal – CCBA. Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2024. Disponível em:
<https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/5692/2/EDN%C3%93LIA%20DA%20SILVA%20FARIAS.pdf>. Acesso em:
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.
- KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MADEIRA, Carla. **Tudo é rio**. Belo Horizonte: Quixote+Do Editoras Reunidas, 2021.
- MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 1120-1131, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sdeb/2019.v43n123/1120-1131/pt>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para as mulheres. **KUHN, J. Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC, p. 122-137, 2005. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/ebook_familia_e_casal.pdf#page=122. Acesso em: 23 jul. 2025.